

DANÇAS CIRCULARES - SAGRADAS E CIRANDAS

Clara Márcia Piazzetta¹

Toda composição perfeita consiste de compasso, ritmo e melodia. Em toda composição musical estes três elementos contrapõem-se em interação e tensão vivas e permanentes. O compasso representa a visão espiritual do todo, a clareza e a ordem. O ritmo responde pela vitalidade, pela tensão, pelo pulsar do fluxo sanguíneo. A melodia representa o lado verdadeiramente humano, seu querer da alma e seus sentimentos, em todas as suas nuances².

(Bernhard Wosien)

Resumo

Este texto aborda de modo breve as Danças Circulares Sagradas e seus simbolismos. Não tem a intenção de esgotar o assunto, mas sim apresentá-lo e contextualizá-lo em mais um espaço possível, ou seja, na formação de musicoterapeutas. Assim traz algumas reflexões no ambiente da formação transdisciplinar inerente ao campo da complexidade e da transcendência pertinente tanto às Danças Circulares Sagradas como à formação de musicoterapeutas enquanto pessoas *musicais-clínicas*.

Palavras chave: Danças Circulares Sagradas; Musicoterapia; Transdisciplinaridade

Histórico de Danças Circulares

A utilização do corpo com movimentos e canções, em grupo, é tão antiga quanto à história do próprio homem. Desde a antiguidade o aprendizado dava-se por tentativas de imitar os movimentos da natureza e simbolicamente as danças “eram o reflexo tanto da regularidade terrestre quanto da celeste” (RODRIGUÊS, 2008, p 1). Assim, a “intimidade entre a dança e a linguagem dos padrões da natureza” (*Ibid*, p.1), existiu antes do aprendizado dos desenhos e da escrita. Segundo Rodrigues as danças possibilitavam a memorização de novos conhecimentos garantindo que fossem transmitidos de geração a geração. Com isso, não se separava dança e comunicação e se preservava a necessidade de comunhão entre as pessoas.

Por acontecer em cerimônias ritualísticas “associavam-se a diferentes momentos de suas vidas: o nascimento, o casamento, o plantio, a chegada das chuvas, a entrada da primavera, a colheita, a morte, etc” (VALLE, 2008, p.1).

¹ Clara Márcia de Freitas Piazzetta, Mestre em Música/Musicoterapia (EMAC-UFG/GO, 2006); Graduada em Musicoterapia (FAP –PR, 1988); Musicoterapeuta Clínica e integrante do NEPAM-CNPq e NEPIM-CNPq; Docente da Faculdade de Artes do Paraná.

² WOSIEN,2000; p. 14

O nome Danças Circulares ou Sagradas, contudo, surgiu recentemente. Relaciona-se ao movimento circular que realizam, mas também envolve o contexto ritualístico de conexão com o divino e a integração humana que proporcionam.

A partir do interesse de um coreógrafo, bailarino, pedagogo da dança, desenhista e pintor alemão (nasceu Passenheim/ Prússia Oriental), pesquisador das danças folclóricas e étnicas, Bernhard Wosien, e sua busca por uma “prática corporal mais orgânica para expressar seus sentimentos” (RAMOS, 2008, p.1), nasceu esta denominação em meados de 1970.

Em sua caminhada por comunidades, para aprender suas danças, percebeu a força do encontro de comunhão contido em gestos por vezes simples, e encontrou o que procurava: “a idéia da dança como uma caminhada para dentro do silêncio e de uma meditação em movimento” (WOSIEN, *apud* BISCONSIN & MIZUMOTO, 2008, p. 6). Nestas danças todos participavam, não existia excluídos, ao contrário, promovia-se a inclusão. Ao perceber, porém, que em algumas comunidades estas tradições estavam se perdendo e com elas esta possibilidade de integração entre pessoas, buscou uma forma de preservá-las e transmiti-las a outras pessoas.

Em 1976, visita uma comunidade espiritual na Escócia, *Findhorn*, lá ensinou a um grupo de pessoas algumas das danças que aprendera e desde então as Danças Circulares – Sagradas espalharam-se pelo mundo. Pessoas, por vezes anônimas, ao dançarem e ensinarem outras pessoas a dançar, mantém vivo o legado dos povos antigos ao imprimir no coração de muitos em todo o planeta, sentimentos de Amor e Harmonia.

No Brasil essa prática chegou à cidade Nazaré Paulista - São Paulo em meados de 1980. Desde então espalhou-se e hoje já existem materiais publicado, cursos de formação e Encontros de Danças Circulares Sagradas. O primeiro foi em 2002 e desde então realizam-se anualmente.

O simbolismo do círculo

O nome, Danças Circulares revela sua forma, porém, nem todas são realizadas em rodas fechadas. Algumas podem ser em espiral ou labirintos sem perder, contudo, a circularidade o que permite serem “metáforas perfeitas da circulação da vida na terra e da totalidade do ser humano, inspirando nos dançarinos o desejo de transformação e evolução” (RODRIGUÊS, 2008, p 2). Com isso são “fortes na mobilização energética que criam ao se fazer girar a roda” (BISCONZIN, 2008) com passos que vão dos mais simples aos mais elaborados, o que importa nestes movimentos não é a técnica “e sim o sentimento de união de

grupo, o espírito comunitário que se instala a partir do momento em que todos, de mãos dadas, apóiam e auxiliam os companheiros” (RAMOS, 2008, p. 2). Os dançantes, intencionados em um mesmo objetivo constroem não apenas passos, mas momentos de descontração, alegria e também introspecção. Deste modo encontram-se ao mesmo tempo, consigo mesmos e com o todo, representado pelo círculo.

O círculo representa uma imagem do espaço cósmico. Todos nós temos a origem nesse círculo. Cada ponto no círculo é um ponto crucial. Cada um está a igual distância do centro. Ao dançarmos no sentido dos ponteiros do relógio (o relógio nos mostra o percurso do nascer ao pôr do sol), nós dançamos em direção ao por do sol, em direção a luz. Nossa mão direita é a mão que recebe, com a palmas para cima; nossa mão esquerda é a mão que doa, as palmas para baixo³. Esta mão passa a diante a luz e nos assegura, ao mesmo tempo, do nosso elo com o passado que em latim é “religio”. Dessa forma fazemos uma corrente que mostra a origem sagrada. (WOSIEN, *Apud* BISCONSIN & MIZUMOTO, 2008, p.6)

Ao se formar o círculo delimita-se também um centro e este é a “manifestação do divino que existe em cada um. Representa a força maior, pela qual somos guiados”(BISCONSIN & MIZUMOTO, 2008, p.9).

Assim, as danças circulares favorecem a tomada de consciência do corpo físico, acalmam o emocional, trabalham a concentração e a memória e, os dançantes entram “em contato com uma linguagem simbólica, metafórica e transcendental” (RAMOS, 2008, p2). Contudo, a dança sozinha não alcança estes resultados. O que faz a diferença são as pessoas que unidas colocam a roda em movimento, ou seja, “podemos meditar em qualquer dança circular, desde que o dançarino esteja à disposição para fazê-la” (BISCONZIN, 2008). Em cada roda de dança circular coexiste o individual e o coletivo com os participantes experimentando no aqui e agora o ‘ser’, com o ‘estar’, no ‘fazer’.

O sagrado

A duração de cada coreografia é a duração da música. Isso faz com que os passos, ao serem repetidos muitas vezes, favoreçam aos dançantes a comunhão da sincronia de movimentos. Nesse momento não existe apenas uma repetição de passos, quando a sincronia se instala na roda um terceiro movimento aparece, o movimento da roda. Essa transcendência apenas acontece quando existe o encontro de cada participante com sua integridade, com sua humanidade, com sua essência conectada a algo transcendental.

³ A forma de dar as mãos entre os participantes com a palma esquerda voltada para baixo é realizada com mais frequência no hemisfério norte. No hemisfério sul as mãos são dadas ao contrário com a mão esquerda voltada para cima. Porém, o caminhar da energia de cada roda, se no sentido horário ou anti-horário, é definido no início de cada trabalho.

Ao estar de mãos dadas em uma roda, cada pessoa vivencia a sensação de pertencimento. Cada um é parte de algo maior que eles mesmos e que existe apenas porque cada um está onde está. O resultado dessa aceitação e dessa entrega de todos na roda é maior que a quantidade de pessoas da roda. O resultado é a transcendência no encontro com o sagrado distinto de religião, e inerente à espiritualidade. “No momento desse contato temos a união de espírito e matéria e a possibilidade da criação. O ser humano se torna um ser íntegro quando se torna criativo. A partir daí ele tem a trindade dentro de si” (RAMOS, 2008, p.3). Ou, como fala o filósofo francês Roger Geraudy, “a dança torna o deus presente e o homem potente” (RODRIGUES, 2008, p.2). Dançar não é apenas repetir passos, é uma das formas do homem viver, “a dança acontece quando já não existe música e coreografia, quando já não nos preocupamos com os passos, quando os pés já sabem o que fazer e nos conduzem pelo tempo” (VALLE, 2008, p 1). Dançar é o encontro do humano e o divino, o sagrado.

As práticas de Danças Circulares na Educação – uma formação transdisciplinar

Antes do desenvolvimento da escrita a comunicação e a transmissão de conhecimentos entre as pessoas de uma comunidade aconteciam em rodas de danças. Parte-se do princípio: o que se aprende com o corpo integrado á mente não se esquece.

O homem e a mulher antigos, na medida em que desvendavam as leis e os princípios de organização da realidade circundante, registrava-os no corpo através de movimentos rítmicos e significativos (...) A dança é uma das raras atividades humanas em que o ser humano está totalmente engajado: corpo, espírito e coração. Por isso, a arte de imitar a natureza através de movimentos rítmicos e repetitivos é uma virtude que torna o conhecimento definitivo, inesquecível (RODRIGUES, 2008 p.3).

A realidade dos sistemas educacionais disciplinares, presente na maioria dos ambientes educacionais, que favorecem a fragmentação do conhecimento e desconecta a mente do corpo, é herança de três séculos do pensamento científico cartesiano e positivista.

Alguns educadores ao perceberem o potencial das rodas de danças para colocar as pessoas em contato com suas origens mais ancestrais e sua essência de aprendiz - criador comprometido com seu fazer em comunidade, trouxeram essa prática para dentro das salas de aula.

A prática das danças circulares favorece a introspecção, o trabalho em conjunto, a escuta do silêncio e a escuta de si mesmo. Assim, o trabalho de danças circulares – sagradas integra um “novo movimento da Educação intitulado Transdisciplinaridade” (RAMOS, 2008, p. 2). Esse pensamento começa a se impor no meio educacional como uma “proposta que

objetiva a necessidade de fornecer ao jovem em formação, possibilidade de estudos teóricos e vivenciais que transcendam os estudos compartimentados pelas Universidades de hoje” (*Ibidi*, p. 2).

Na educação fundamental, no trabalho com crianças a necessidade de mudanças faz-se presente também. As professoras, diante da possibilidade de esquecimento das cantigas folclóricas e de roda e do brincar em grupos, por parte das crianças que com os avanços tecnológicos e as agitações da vida moderna estão mais conectadas a máquinas que às pessoas, organizam projetos pedagógicos para socialização e educação integrada com o resgate das cantigas e brincadeiras de roda.

As cirandas entram na sala de aula permitindo que professores e crianças brinquem juntos e complementa as atividades pedagógicas, pois, em rodas cantadas e brincadeiras de rodas as crianças são preparadas para a vida. Exercitam a relação com os demais e constroem seus objetivos. “Brincando cantando e girando, ela se desenvolve como indivíduo e assimila valores de sua cultura, que foram transmitidos de geração a geração. (...) Brincar é a atividade mais séria da criança!” (VALLE, 2008, p.2).

Danças Circulares Sagradas na formação do Musicoterapeuta

A formação do musicoterapeuta envolve uma complexa rede de matérias agrupadas em três áreas de conhecimento: científico, musical e de sensibilização (VOLPI, 1996). Assim, durante quatro anos os estudantes são preparados para utilizar sua musicalidade, seu conhecimento musical, sua capacidade empática e conhecimentos sobre o ser humano e seu desenvolvimento bio-psico-social e espiritual, em experiências musicais compartilhadas a fim de alcançar objetivos clínicos.

Contudo, quando se fala de música e as relações que cada pessoa estabelece com ela, as possibilidades de compreensão ampliam-se significativamente. As três áreas de conhecimentos descritas acima, envolvidas nessa preparação, integram-se por redes complexas permitindo assim que a prática musicoterápica favoreça a emergência de momentos significativos, transcendentos e transformadores nos processos musicoterápicos.

Alcançar essa compreensão, inerentemente complexa, começa com atitudes simples. As danças circulares, a partir do descrito acima, por sua simplicidade e transcendência, revelam-se uma opção interessante para o entendimento corporificado dos mistérios da música e suas forças; dos mistérios da musicalidade de cada pessoa; de formas de comunicação sem palavras bem como, da construção do papel de terapeuta.

A dança é a música transformada em movimento, é a manifestação gestual da música. Neste sentido, podemos dizer que dançamos somente quando fluímos junto com a música.(...) Dançar é fluir no tempo. Dançar é fluir com o tempo, é respirar a música. Em cada dança vivenciamos o ciclo de uma vida, pois cada dança é uma vida, cada dança tem o seu tempo e o seu espaço de ser. (...) Ela se desenvolve em um processo de vida, desde o seu nascimento a partir do silêncio até o seu retorno ao vazio de sua origem, em um grande fluxo que obedece ao ritmo cósmico de expansão e contração. (VALLE, 2008, p.1)

O desenvolvimento do músico que habita em cada musicoterapeuta a fim de colocar-se inteiro como *musicoterapeuta* não depende apenas de conhecimentos e habilidades musicais. Depende também de transformações e ampliações de valores pessoais relacionados à música e o desempenho musical, de modo a alcançar o outro, o cliente – paciente. A vivência com as Danças Circulares Sagradas proporcionam uma experiência única e inesquecível para cada pessoa da roda. “Talvez assim possamos viver, compreender, sentir o que nenhum livro, nem filme, nem espetáculo pode proporcionar-nos da mesma maneira” (KALMAR, *apud* VALLE, 2008, p. 1). Podemos aprender fazendo, ou seja, o que na teoria da musicoterapia denomina-se *musicing* (AIGEN, 2005; STIGE, 2002).

Conclusão

A inclusão de experiências de Danças Circulares Sagradas na formação de musicoterapeutas não se limita ao ensino de brincadeiras cantadas ou cirandas ou brincadeiras de roda com a finalidade de instrumentalizar os participantes para os estágios. Busca utilizar mais um recurso para o desenvolvimento da área de sensibilização.

Colocar-se em roda e de mãos dadas, cuidando da forma como se dão as mãos para que a energia flua pela roda, transcende o aprendizado de coreografias. Danças Circulares Sagradas são danças de intenção. Pela harmonia e equilíbrio do círculo, sem começo ou fim, ou, onde todo fim é também um começo torna cada participante responsável por si e pela roda. Assim, é um convite ao encontro com o outro e consigo mesmo; uma vivência como colaborar em vez de competidor; um exercício de escuta e concentração constantes; um aceitar-se e aceitação do outro no compartilhar de um tempo que não é o seu nem o do outro, é o da música; um deixar-se guiar por forças que simplesmente o colocam em movimento e permitem uma comunicação sem palavras, com gestos, ações e intenções.

Referências Bibliográficas

BISCONSIN, Adriana & MIZUMOTO, Lili. De semente à flor “toda semente tem dentro de si uma flor”. Etapa Semente – II Edição. Curitiba, 2008, n.p.

RAMOS, Renata C. L. (Org). O que são as Danças Circulares dos Povos e Sagradas? <http://www.triom.com.br> acesso, 12-09-2008.

RODRIGUES, Nina. Danças circulares sagradas.

http://www.rodasdalua.org.br/dancas_circulares.htm acesso, 12-09-2008.

VALLE, William. Meu caminho no círculo das danças.

www.integria.com.br/workshops/dan%20E7as%20william%20-%20sobre%20as%20dan%20E7as.htm acesso, 12-09-2008.

VOLPI, Sheila. A Formação do Musicoterapeuta Brasileiro. In REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA. Ano 1 número 2. Rio de Janeiro: 1996.

WOSIEN, Bernhard. Dança: um caminho para a totalidade. São Paulo: TRIOM, 2000.

WOSIEN, Maria-Gabriele. Dança Sagrada: deuses, mitos e ciclos. São Paulo: TRIOM, 2002